

DADOS & IDEIAS

LEO BRANCO | leo.branco@abril.com.br
COM REPORTAGEM DE FLÁVIA FURLAN



MACROECONOMIA

Por que vale a pena manter as contas públicas em dia

A grande recessão econômica de 2008 levou boa parte dos países ocidentais à bancarrota praticamente ao mesmo tempo. Agora, para sair dela, cada um teve um ritmo diferente. Um exemplo positivo é a Islândia: depois de contrair incríveis 39% em 2008, o PIB do país voltou a crescer já no ano seguinte e hoje está prestes a recuperar o patamar pré-crise. Por outro lado, a Grécia acumulou perdas consecutivas e hoje tem uma economia 45% inferior à de dez anos atrás. O que está por trás do descompasso na recuperação de eco-

nomias afetadas por choques idênticos? Para os economistas Christina Romer e David Romer (sim, eles são casados), do campus de Berkeley da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, o segredo está na capacidade do governo de implantar políticas anticrise. Segundo os pesquisadores, isso acontece quando a dívida pública é menor do que o PIB e a taxa de juro real supera 1,25% — o que dá margem de manobra para baixá-la e aquecer a economia. Com base em dados de ciclos de recuperação econômica de 24 países de-

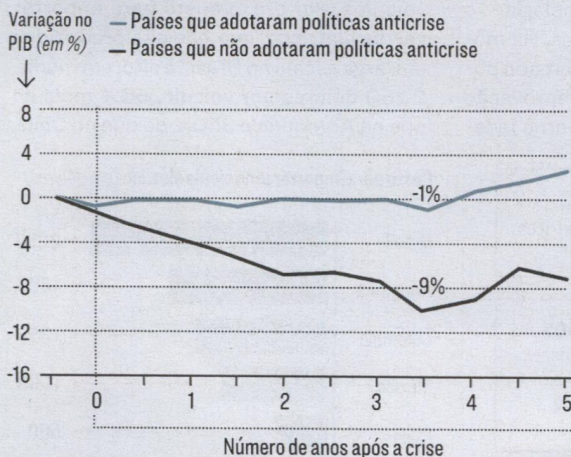
envolvidos, coletados desde 1967, os pesquisadores concluíram que os países com boa capacidade para implantar políticas anticrise chegaram ao terceiro ano após a crise com PIB 1% inferior ao patamar pré-crise. Já os países sem essa margem de manobra perderam 9% no mesmo período. Para o Brasil, que ficou de fora da pesquisa, resta o alerta: o descontrole da dívida pública — que pode chegar a 100% do PIB nos próximos anos se a reforma da Previdência empacar — vai atrapalhar a economia do país no futuro.

Reykjavík, na Islândia:
o PIB do país está prestes
a voltar ao patamar
pré-crise de 2008



KEVIN C. MOORE/GETTY IMAGES

Diferença entre países que implementaram estímulos para a economia após uma crise financeira e os que não fizeram nada



Fontes: economistas Christina e David Romer (Universidade Berkeley)

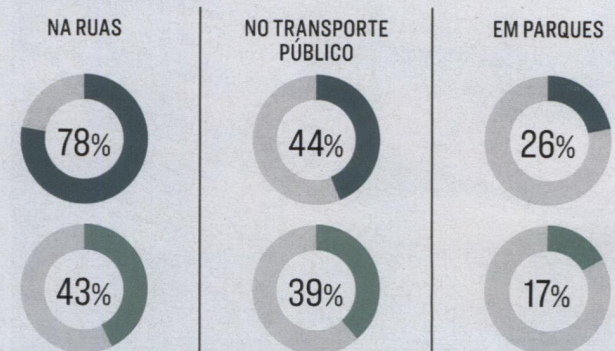
TECNOLOGIA

O PESO DA CRIMINALIDADE

Os brasileiros são o povo que mais valoriza o uso da tecnologia na prevenção de crimes, segundo uma pesquisa da Unisys, consultoria americana em TI, com 4 000 pessoas em dez metrópoles nos seis continentes — entre as quais São Paulo. Para 74% dos entrevistados, no Brasil deveria haver mais integração entre as polícias e os desenvolvedores de tecnologias no combate à bandidagem. A média global é de 62%. A tolerância dos brasileiros com a vigilância eletrônica de espaços com grande circulação de pessoas é superior à média mundial: aqui, 78% concordam com o monitoramento de ruas, 44% com o de ônibus e trens e 26% com o de parques. No geral das dez cidades, os três índices são inferiores.

Visão favorável sobre o uso da tecnologia na prevenção de crimes
(em % dos entrevistados)

● Brasil ● Média mundial



74% dos brasileiros valorizam o uso da tecnologia para prevenir crimes, o mais alto índice entre as dez metrópoles pesquisadas.
A média global é de 62%

Fonte: Unisys



RODRIGO CAPOTE/FOLHA PRESS

Vigilância eletrônica: no Brasil, ela é mais aceita pela população

DADOS & IDEIAS



Novos sabores: as líderes em alimentos e bebidas perderam espaço

CONSUMO

AS GRANDES MARCAS ESTÃO MENORES

A vida não está fácil para as grandes fabricantes de alimentos, bebidas e produtos de consumo no mundo inteiro. É o que mostra um estudo inédito da consultoria Bain&Company com as marcas líderes nesses mercados em oito países. As receitas estão subindo menos do que antigamente. De 2006 a 2011, a expansão foi de 7,7%. Nos quatro anos seguintes, de 0,7%. A expansão nos lucros também arrefeceu: de 6% para 1,3%. O motivo: as líderes estão perdendo espaço para concorrentes menores. No Brasil, houve queda de 3 pontos percentuais em alimentos e de 7 pontos em bebidas. Na origem da má fase estão o interesse crescente por produtos orgânicos e a expansão do varejo eletrônico, mais fragmentado do que o convencional.

Expansão anual das líderes em alimentos, bebidas e produtos de consumo (em %)

RECEITAS	LUCROS
2006-2011	2006-2011
2012-2016	2012-2016

Evolução da participação de mercado das grandes marcas entre 2012 e 2016 (em %)

ALIMENTOS PROCESSADOS	BEBIDAS NÃO ALCÓOLICAS
Brasil	Brasil
Índia	Índia
Alemanha	Alemanha
Estados Unidos	Estados Unidos

Fonte: Bain&Company

CARROS ELÉTRICOS

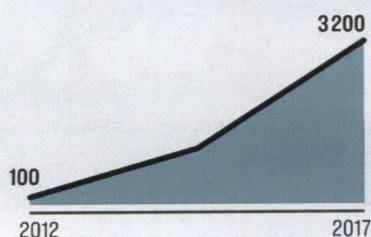
HORA DE O BRASIL ACELERAR COMO A CHINA?

A venda de carros elétricos no Brasil superou 3 200 unidades em 2017, segundo dados da consultoria BMI Research. É o triplo do que foi emplacado em 2016, mas ainda uma pequena fração do comércio total de veículos: 0,15%. É também pouco em relação à China, hoje o maior mercado

de carros elétricos do mundo. No ano passado, 1,5% dos carros vendidos no país asiático tinham esse tipo de tecnologia — o equivalente a 450 000 unidades. Há motivos para acreditar que esse mercado poderá aumentar no Brasil com a aprovação do Rota 2030, programa do governo fede-

ral de estímulo à indústria automobilística, que prevê abatimento de impostos desses veículos. Por ora, o custo para importar carros elétricos, que não são produzidos em larga escala no Brasil, é alto: em média, 2 250 dólares por veículo, 50% mais do que na Argentina e 350% do que no Chile.

Vendas de carros elétricos no Brasil (em unidades)



1,9 milhão de veículos foram emplacados no Brasil em 2017. Os elétricos representaram 0,15% do total

1,5% dos carros vendidos na China em 2017 são elétricos, o equivalente a 450 000 unidades, o que faz do país o maior mercado mundial dessa tecnologia

Custo para importar um veículo elétrico (em dólares)

Brasil	2250
Argentina	1500
Colômbia	1250
México	1000
Chile	500

Fontes: BMI Research, Anfavea e WoodMac

DADOS & IDEIAS



Amazonas: poucos servidores e regras tributárias estáveis

NANDO MACHADO/GETTY IMAGES

IMPOSTOS

BONS EM ENCHER OS COFRES

Já é sabido que o Brasil cobra muito imposto sobre o consumo de bens e serviços. Por aqui, as alíquotas do imposto sobre a circulação de mercadorias e serviços (ICMS) chegam a ser quatro vezes superiores à média de tributos semelhantes cobrados pelos países da OCDE, o clube das nações desenvolvidas. Mas quão eficiente é a arrecadação desse tipo de tributo, feita nos estados? Um estudo da **Universidade Estadual de Campinas**, em parceria com a Universidade de São Paulo e com a consultoria tributária Systax, mostrou exatamente quais são as unidades da federação que empregam menos recursos na hora de coletar impostos — e o fazem do melhor jeito possível. O estudo considerou itens como a frequência de mudanças nas regras tributárias, a quantidade de servidores das fazendas estaduais e o volume de tributos arrecadados. O Amazonas ocupou a liderança, enquanto o Piauí ficou em último lugar. “O Amazonas não tem muitos servidores, muda pouco a legislação e tem grandes empresas, o que garante alta arrecadação”, diz Otávio Cabello, professor na **Unicamp** e autor do estudo. “No geral, os estados não são eficientes.” Ao que tudo indica, no Brasil, além de o Estado morder uma fatia considerável da riqueza, a maneira como isso ocorre tem muito a melhorar.

Ranking dos estados por eficiência na arrecadação de impostos (quanto mais perto de 1, mais eficiente)⁽¹⁾

1º	Amazonas	1.000
2º	Rio de Janeiro	0.804
3º	Minas Gerais	0.803
4º	Mato Grosso do Sul	0.772
5º	São Paulo	0.727
6º	Bahia	0.711
7º	Pernambuco	0.677
8º	Mato Grosso	0.627
9º	Rio Grande do Sul	0.623
10º	Goiás	0.563
11º	Pará	0.538
12º	Rio Grande do Norte	0.535
Média nacional		0.531
13º	Maranhão	0.508
14º	Paraná	0.491
15º	Distrito Federal	0.484
16º	Santa Catarina	0.480
17º	Rondônia	0.379
18º	Ceará	0.377
19º	Paraíba	0.325
20º	Sergipe	0.295
21º	Acre	0.291
22º	Alagoas	0.272
23º	Roraima	0.250
24º	Piauí	0.198

(1) Os estados de Amapá, Espírito Santo e Tocantins não participaram. Fontes: Systax, USP e Unicamp

COMPUTADORES

O AVANÇO DOS NERDS

Os chamados computadores gamers, dotados de muita memória e velocidade para agradar aos fãs de jogos online, eram raridade no varejo brasileiro até poucos anos atrás. O alto preço desses eletrônicos — que não raro superava os 10 000 reais — inviabilizava a venda, o que fazia com que os nerds dependessem de muambas importadas ou de máquinas montadas em fundo de quintal. O rápido avanço tecnológico, que barateou os aparelhos, aliado à recuperação da economia brasileira, vem mudando esse quadro. Hoje, os gamers são o produto mais promissor do mercado de computadores. Em outubro de 2017, eles representaram 11% dos computadores expostos em lojas brasileiras, físicas e virtuais. Um ano antes eram apenas 4%, segundo dados da Marco Marketing, consultoria que avaliou 1 000 pontos de venda em 20 estados do país.

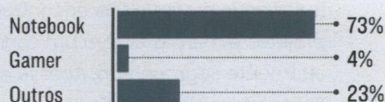


Computador gamer: esse eletrônico vem ganhando espaço no Brasil

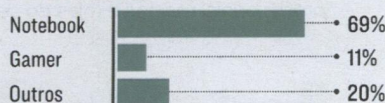
MONICA ALMEIDA/THE NEW YORK TIMES/FOTORENA

Computadores expostos em pontos de venda pelo Brasil (por tipo, em % do total)

OUTUBRO DE 2016



OUTUBRO DE 2017



(1) Inclui desktop e modelos All in One (com monitor, mouse e teclado) Fonte: Marco Marketing Brasil